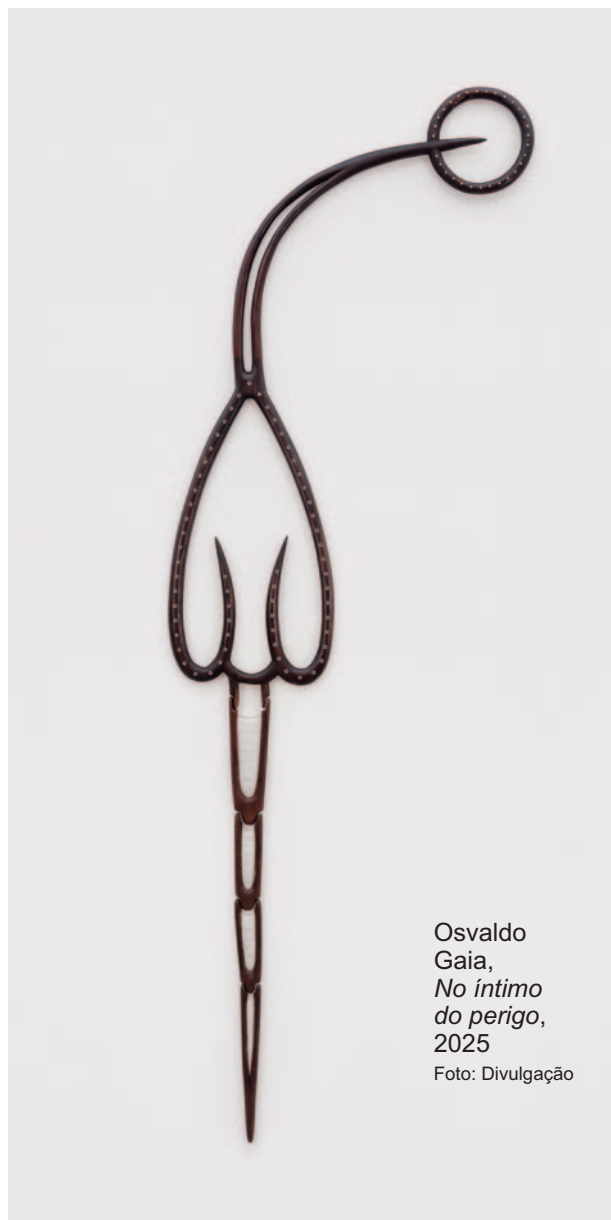


"Para não dizer que não falei das flores",
de MARCOS ROBERTO, e
"Arquiteturas da Água", de OSVALDO GAIA,
na Galeria Lume, SP



"PARA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES", DE MARCOS ROBERTO

Em *"Para não dizer que não falei das flores"*, como parte do *Projeto Alumiar*, Marcos Roberto transforma o ferro e a ferrugem em matérias de resistência. Ex-metalúrgico, o artista recolhe restos industriais, fragmentos de portões, ferramentas e cercas – resíduos de um país moldado pela extração e pela desigualdade – e os faz brotar novamente, convertendo o aço em seiva. Suas esculturas e instalações nascem da fricção entre trabalho, terra e memória, operando uma inversão poética: o gesto que antes sustentava a máquina agora cultiva a vida.

A exposição reflete sobre o corpo operário como campo de batalha da modernidade – o corpo que sustenta, carrega e é corroído pela lógica da produção. Nas obras de Marcos, esse corpo retorna à cena não como instrumento, mas como força criadora. O ferro que sangra também germina; o facão, símbolo de corte e luta, se quebra em folhas e raízes. O artista propõe uma pedagogia silenciosa, onde o gesto de soldar e torcer o metal se torna modo de reescrever o tempo e o território.

As obras tensionam as relações entre progresso e violência, denunciando as permanências coloniais que seguem estruturando o país. Suas obras evocam a herança do cativo, o ciclo do trabalho e a terra transformada em negócio, revelando que a promessa de modernidade ainda repousa sobre bases desiguais.

Entre o ferro e a flor, o gesto de Marcos Roberto é tanto denúncia quanto esperança. Sua prática é uma pedagogia do cuidado, em que o trabalho manual reaproxima o humano da matéria e devolve à arte a capacidade de imaginar futuro.



Brazil com Z, 2025

Foto: Felipe Brendt

SOBRE O ARTISTA

Marcos Roberto é um artista visual autodidata e operário de Bauru, São Paulo. Sua prática artística explora a materialidade industrial, utilizando metal e outros materiais como base para suas pinturas. O contraste entre a superfície rígida e fria do metal e as cores vibrantes e formas aplicadas por ele cria uma tensão dinâmica, que reflete a dualidade entre a solidez dos materiais e a fluidez de sua expressão artística.

Inspirado por sua experiência como operário, Marcos aborda em seu trabalho questões de violência, assim como a desigualdade e a mercantilização da vida cotidiana. Suas obras retratam as histórias dos trabalhadores e o impacto do sistema econômico sobre suas vidas. Além disso, o artista aborda a desumanização do trabalho e a exploração da classe trabalhadora, ressaltando a importância do conhecimento da história para questionar e desafiar essas estruturas. Suas criações funcionam como um ato de resistência, promovendo a conscientização e a necessidade de mudanças sociais.

Em 2013, Marcos largou o trabalho em Bauru e mudou-se para São Paulo para estudar Artes Visuais; mas retornou ao interior em 2017, após uma enchente alagar

sua casa. Entre 2018 e 2020, trabalhou em uma fábrica de placas de trânsito, onde encontrou sua primeira matéria-prima para pintar. Desde então, Marcos se dedica integralmente à arte, utilizando materiais industriais, como o metal, para explorar temas sociais e políticos.

SOBRE O PROJETO ALUMIAR

Criado pela Galeria Lume, o *Projeto Alumiar* tem como propósito ampliar o alcance de práticas artísticas comprometidas com transformação social, diversidade e escuta. A iniciativa propõe diálogos entre artistas e curadores convidados, com atenção especial a trajetórias que emergem de contextos coletivos, pedagógicos e experimentais, expandindo o espaço da arte para além da galeria.

"ARQUITETURAS DA AGUÁ", DE OSVALDO GAIA

Foto: Felipe Brendt



Em *"Arquiteturas da Aguá"*, Osvaldo Gaia transforma a escuta da água em matéria escultórica. Inspirado na convivência com mestres curralistas da região amazônica – artesãos e arquitetos da água que constroem engenhos de pesca guiados pelas marés – o artista propõe uma travessia entre técnica, corpo e paisagem. Suas esculturas, feitas de madeira de demolição, linha e chumbo, prolongam uma sabedoria ribeirinha ancestral, na qual o gesto de construir é também o gesto de escutar. O texto curatorial é de Arian Nuala.

No centro da exposição, cinco obras se articulam como um labirinto aquático – e convidam o visitante a mover-se pelo corpo, e não apenas pelo olhar. As estruturas de Gaia evocam o ritmo do rio e o peso da corrente, revelando a inteligência dos materiais e a força dos gestos que moldam a matéria. Cada escultura nasce da atenção e do tempo, da convivência com a madeira e da observação do trabalho manual como forma de pensamento.

Para o artista, a ferramenta não é instrumento, mas extensão do corpo. Em seu fazer, a precisão técnica se converte em escuta: o nó da linha, o peso do chumbo, o som da madeira, são registros de uma relação ética entre o humano e o ambiente. *“No bater da minha estaca, eu fortaleço minha estrutura”*, diz Gaia – frase que condensa sua reverência ao fazer manual como modo de aprender com a terra e com a água.

Ao evocar o universo das armadilhas e dos engenhos, Gaia reflete sobre como o conhecimento é produzido e transmitido – e sobre quais corpos são autorizados a produzi-lo. Suas esculturas não reconstituem tradições, mas reativam epistemologias ribeirinhas, modos de saber que pensam com as mãos, com o som e com o fluxo. *“Labirintos Molhados”* é, assim, uma celebração das técnicas ancestrais e da sabedoria das águas: uma pedagogia do fazer, que nos ensina a nos conduzirmos pelo que flui.

SOBRE O ARTISTA

Osvaldo Gaia, Belém, Pará, 1961.

Osvaldo Gaia é escultor e pintor. Sua formação artística foi se constituindo através de pesquisas e de experi-

mentações dentro do universo amazônico, com elementos que se identificam como estruturas escultóricas, porém num escopo abrangente e perceptível da forma, em relevos, texturas e transparências.

Detém-se conceitualmente em questões sociais, arquitetônicas, econômicas e relacionadas a fluxos, origens, identidades e ferramentas ligadas à vida ribeirinha, de onde tira sua inspiração. Sua produção tem forte recorte orgânico, porém de extremo rigor construtivista e grande teor simbólico.

O artista expõe desde 1975 e vem participando de mostras coletivas e individuais no Brasil e no exterior; sua produção artística abrange desde pequenos objetos a instalações e intervenções urbanas.

SERVIÇO

“Para não dizer que não falei das flores”, de Marcos Roberto
“Arquiteturas da Água”, de Osvaldo Gaia
Até 22 de novembro



Galeria Lume
Rua Gumerindo
Saraiva, 54, Jardim
Europa, São Paulo / SP
Tel.: (11) 4883-0351 |
WhatsApp:
(11) 93281-3346
E-mail: contato@galerialume.com
Dias/Horários: segunda
a sexta, das 10h às 19h;
sábados, das 11h às 15h
Entrada gratuita

Imirô, 2025

Foto: Felipe Brendt